



ONDE O PÚBLICO E O PRIVADO SE CONFUNDEM: A ATUAÇÃO DA IMOBILIÁRIA E A FASE DE IMPLANTAÇÃO DO MUNICÍPIO DE NOVA LONDRINA-PR (1950-1968).

Cássio Augusto Samogin Almeida Guilherme¹

Mestrando em História Política e Movimentos Sociais pela Universidade Estadual de Maringá-UEM e Professor da Faculdade Ingá-Uningá.

Resumo: O presente artigo analisa a forma de atuação da Imobiliária Nova Londrina Ltda, no processo de constituição do município, bem como as três primeiras administrações municipais. Para esta pesquisa, são analisadas fontes orais, a partir de entrevistas com antigos moradores da localidade e discutidas com a bibliografia pertinente. Nosso objetivo é apontar como surgiu o sentimento patrimonialista na cidade, onde o público e o privado se confundem desde o início. Assim, podemos melhor compreender o cisma eleitoral de 1968 na cidade, que resultou na vitória do candidato da oposição com forte apoio popular e, posteriormente, cassado pelo governo Civil-Militar sob a acusação de subversão.

Palavras-chave: Patrimonialismo, Noroeste, Paraná.

**Where the public and private are mixed: The performance of
property and the deployment phase of Nova Londrina-PR (1950-
1968).**

Abstract: The present article examines the way performance of Nova Londrina Real Estate Ltd., in the process of constitution of the city, as well as the first three municipalities. For this research, are analyzed oral sources from interviews with former residents of the locality and discussed with the relevant bibliography. Our goal is to point how emerged the patrimonial feeling in the city, where public and private are confused from the beginning. Thus, we can better understand the schism in the city election of 1968, which resulted in the victory of opposition candidate, with strong popular support and later revoked by the Civil-Military Government on charges of

¹ Mestrando em História Política e Movimentos Sociais pela Universidade Estadual de Maringá-UEM e Professor da Faculdade Ingá-Uningá.



subversion.

Key-Words: Patrimonialism, northwest, Paraná.

Introdução:

Um dos objetivos deste artigo, como parte do *Projeto Memória*², que tem como fonte principal de suas pesquisas a história oral, é de contribuir com o crescente debate acadêmico sobre a História Regional, sem que, no entanto, isto seja encarado como sinônimo de bairrismo ou de micro-história. Segundo os professores Reginaldo Dias e José Henrique Gonçalves, estes esforços resultam “da valorização acadêmica de enfoques que superem conscientemente as generalizações apressadas e as análises concentradas nas grandes cidades e nos centros político-administrativos hegemônicos”.³

Assim, nosso enfoque será no que chamamos de a fase de implantação do município de Nova Londrina-PR, entre os anos 1950-1968, englobando o período distrital e de forte atuação da Imobiliária e as três primeiras administrações municipais. Buscamos também identificar sentimentos, atitudes e ligações entre a coisa pública e o os interesses econômicos privados. Na clássica definição de Raymundo Faoro: “O poder – a soberania nominalmente popular – tem donos, que não emanam da nação, da sociedade, da plebe ignata e pobre”⁴. Procurar os “donos do poder” em Nova Londrina é o propósito maior deste texto.

Este recorte se justifica, tendo em vista o cisma eleitoral de 1968, quando a cidade foi sacudida por uma eleição municipal onde concorreram, de um lado, Darcy Victorio Molin, então vice-prefeito, dono de serraria e apoiado pela elite agrária local e sulista e, de outro

² Projeto coordenado pelo professor doutor Maurílio Rompatto, junto à Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí-Paraná (FAFIPA). O objetivo do Projeto é, através de entrevistas feitas com antigos moradores da região noroeste do Paraná, manter viva e documentada a memória e a história destas cidades.

³ DIAS, Reginaldo Benedito e GONÇALVES, José Henrique Rollo (org.). **Maringá e o Norte do Paraná – Estudos de história regional**. Maringá: Eduem, 1999, p.02.

⁴ FAORO, Raymundo. **Os Donos do Poder**. v.2. São Paulo: Globo, 1995, p.748.



lado, Halim Maaraoui, imigrante libanês e pequeno comerciante que se intitulava “o pai dos pobres”, e saiu vencedor. Ocorre que, Halim Maaraoui ficou apenas três meses no cargo de prefeito municipal, sendo cassado por um decreto do governo ditatorial Civil-Militar, sob a acusação de subversão⁵.

Nossa hipótese é que Halim Maaraoui só foi cassado por não pertencer ao grupo hegemônico local, constituindo-se assim em uma ameaça aos interesses político-econômicos em jogo na disputa eleitoral. Logo após a vitória no pleito eleitoral, diz Oscar Tomazoni, vice-prefeito eleito, que: “eles deram entrada em Guaíra, numa unidade do exército de Guaíra, do pedido de cassação nossa”. Qual o motivo do receio por parte deste grupo em não aceitar o resultado eleitoral e perder o comando político à um “adversário”?

Para tanto, utilizamos como fonte primária, entrevistas feitas com antigos moradores da cidade de Nova Londrina-PR: João Soares Frago, que chegou em 1952, vindo trabalhar na Imobiliária São Paulo-Paraná e foi prefeito entre 1960-1964; Jair Rezende, que chegou ainda pequeno com os pais no ano de 1954, trabalhador braçal aposentado; Oscar Tomazoni, vindo também criança com seus pais no ano de 1952, vice-prefeito eleito em 1968; Ítalo Calligher, imigrante italiano, ex-combatente da segunda guerra e que chegou em 1951; Ondina Cureau Giacobbo, que chegou em 1952 para ser a primeira professora no município e Odete Tesser Colla, vinda, ainda criança, com seus pais, também no ano de 1952, casando-se, depois, com o primeiro prefeito municipal, Sr. Avelino Antônio Colla.

A contribuição das fontes orais, para o debate historiográfico, tem sido reconhecida a cada dia, em especial devido à sua “finalidade social essencial à história”⁶, revelando novos campos de investigação e a

⁵ Para conhecer melhor o caso, ler: GUILHERME, Cássio Augusto S. A. **Nova Londrina-PR: O processo de (re)ocupação (1950) e a “politicagem interiorana” nos “anos de chumbo” da Ditadura Civil-Militar (1968-1969)**. Revista História Agora nº 9, Nov/2010. Disponível em: http://www.historiagora.com/dmdocuments/revista9_DOSSIE_11.pdf.

⁶ THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992, p.21.



multiplicidade de pontos de vista das pessoas que viveram os acontecimentos históricos que estudamos. Segundo Henri Moniot: “a história oral tornou-se um material da história dos ‘povos sem história’ porque é autêntica e onipresente”⁷. Por “povos sem história”, podemos entender os pequenos municípios do interior, tão desprovidos de atenção e fontes documentais para registrar os seus acontecimentos, cabendo, assim, ao historiador oral, coletar entrevistas com os antigos moradores, antes que estas memórias se percam e, com elas, a possibilidade de um estudo historiográfico mais completo.

Breves considerações acerca do processo de (re)ocupação da região de Nova Londrina-PR:

A cidade foi “colonizada” a partir de 1950, pela *Imobiliária Nova Londrina Ltda*, de propriedade dos senhores Silvestre Dresch, Armando Valentim Chiamulera, Leopoldo Lauro Bender, Ewaldir Bordin e Salin Zaidan, sendo que os dois últimos logo se retiraram da sociedade. Segundo Chiamulera, a *Imobiliária* comprou uma área de dois mil alqueires de terras, de José Volpato, então proprietário da *Colonizadora Paranapanema Ltda*, que detinha a concessão de cerca de 25 mil alqueires de terras na região⁸. No entanto, ainda há o que se estudar sobre esta transação entre José Volpato e a *Imobiliária*. Por hora, ficamos com a versão “oficiosa”.

A localidade destas terras é o extremo noroeste do estado do Paraná, na região de fronteira com os estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul. Durante muitos séculos, a região foi ocupada por comunidades indígenas. Posteriormente, veio a invasão europeia do século XVI, quando, então, passou a pertencer à Província espanhola do

⁷ MONIOT, Henri. *A história dos povos sem história*. In: LE GOFF, Jaques (org). *História: novos problemas*. Rio de Janeiro, F. Alves, 1988, p. 105

⁸ Para um maior aprofundamento acerca do tema da colonização de Nova Londrina e da atuação de José Volpato, a existência de posseiros e os conflitos de terras, ler: GUILHERME, Cássio Augusto S. A.. *Nova Londrina-PR: O processo de (re)ocupação (1950) e a “politicagem interiorana” nos “anos de chumbo” da Ditadura Civil-Militar (1968-1969)... op.cit.*



Guairá até as ações dos jesuítas e também dos Bandeirantes paulistas⁹. Somente por volta dos anos 1920-1930, que o estado brasileiro passa a planejar a (re)ocupação do Norte paranaense, que vinha sendo habitado por pequenos posseiros e ribeirinhos.

Nas palavras do professor Lúcio Tadeu Mota:

Com o advento da República, o Estado passou a ter o domínio sobre o que considerava terras devolutas. No caso paranaense, o norte, oeste e sudoeste do Estado foram considerados terras devolutas pertencentes ao Estado, que as cedeu, através de concessões, para as grandes companhias colonizadoras. Essas companhias promoveram a ocupação da região em um ritmo acelerado jamais visto em sua história; em menos de trinta anos tudo estava desmatado e ocupado com vilas, cidades e grandes plantações de café.¹⁰

É importante salientar ainda que, para tanto, as Companhias Colonizadoras, Imobiliárias e também o Estado, interessado na “ocupação”, criaram uma série de propagandas a fim de convencer as pessoas a migrarem para a região. Nesse sentido, formou-se o discurso do “vazio demográfico”, da “Nova Canaã” e do “pioneirismo”, ou seja, as terras estavam desocupadas, onde tudo o que se plantasse dava e os primeiros moradores seriam verdadeiros aventureiros e desbravadores¹¹. Este discurso fica claro nas palavras de todos os entrevistados para esta pesquisa, o que vamos abordar implicitamente, no decorrer deste artigo.

A fase distrital, atuação da Imobiliária e as impressões dos migrantes:

Segundo um dos donos da *Imobiliária Nova Londrina Ltda*, senhor Armando Chiamulera, a região era “um sertão invio, com areiões

⁹ MOTA, Lucio Tadeu. *História do Paraná: ocupação humana e relações interculturais*. Maringá: EDUEM, 2005.

¹⁰ MOTA, Lucio Tadeu. *História do Paraná... op.cit.* p.69

¹¹ TOMAZI, Nelson Dacio. *Construções e silêncios sobre a (re)ocupação da região norte do estado do Paraná*. In: DIAS, Reginaldo Benedito e GONÇALVES, José Henrique Rollo (org.). *Maringá e o Norte do Paraná – Estudos de história regional*. Maringá: Eduem, 1999.



e mata virgem, sem comunicação”. Ao mesmo tempo, outras hoje cidades estavam também sendo “colonizadas”, cada uma com a sua particularidade. No caso de *Nova Londrina*, a comunicação se fazia principalmente com o Porto São José, hoje distrito do município de São Pedro do Paraná, localizado nas margens do Rio Paranapanema, responsável pela comunicação com os estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul e também com o maior povoado da época no extremo noroeste que era a Colônia Paranavaí, através de um “picadão” no meio da mata.

Como é de se imaginar, as condições das estradas à época não poderiam ser das melhores. Um “picadão” no meio da mata atlântica era aberto por onde passavam as caravanas de migrantes. Estas estradas não contavam com manutenção por parte do poder público pelo simples motivo de que na região não havia atuação do poder público. Nesta fase de (re)ocupação da região, o negócio foi tocado pelas várias Companhias Imobiliárias que atuavam. Os entrevistados se recordam das várias vezes em que tinham de dormir na estrada dentro do jipe, pois a viagem era demorada devido aos areiões e poças de água que se formavam após as chuvas, sem contar as nuvens de mosquitos.

No caso de *Nova Londrina*, foi feito um vídeo-propaganda pela Imobiliária no ano de 1951, o maior já feito sobre a região com cerca de quatorze minutos e ainda em circulação¹², que era reproduzido em cinemas pelo Brasil afora, com o objetivo de convencer as pessoas a migrarem para a cidade em construção, onde “reina sempre a alegria e a saúde”. No vídeo, podemos perceber a preocupação em demonstrar que há uma “perua expressa e um ônibus diário” que faz o percurso até o Porto São José. Odete Colla recorda-se de que “a jardineira, não tinha porta. A gente entrava e sentava, tipo um sofazinho. Se chovia a gente puxava uma loninha. Aí, depois de um tempo, começou um onibuszinho

¹² Ver video no Youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=Tg8glvhiiEc>



melhor”. Além disso, Oscar Tomazoni afirma que a viagem durava um dia todo, na melhor das hipóteses.

Quando Odete Colla chegou aqui com sua família, encontrou, na entrada do vilarejo, uma placa com os seguintes dizeres: “breve, cidade de Nova Londrina”. Por mais que a nascente cidade fosse distrito de Mandaguari e, posteriormente, de Paranavaí, o poder público e a ordem local eram exercidos mesmo pela *Imobiliária Nova Londrina Ltda.*

Não pretendemos, aqui, corroborar a construção ideológica muito presente nas histórias oficiais dos municípios da região extremo noroeste, que nas palavras de Nelson Tomazi, trata-se da “ênfase colocada na ação de uma empresa específica, que teria um ‘elevado interesse público’”¹³. Entendemos que o interesse das Companhias Imobiliárias era sim o de fazer com que aumentassem as vendas e os lucros de seus negócios, mesmo que para isso tivessem de ser feitas algumas obras para melhoria da vida pública. Diz João Fragoso que “a *Imobiliária Nova Londrina* fez, talvez com interesse comercial, fez muito no sentido de minimizar o sacrifício desta gente”. No próprio vídeo-propaganda, uma parte da narração diz: “A *Imobiliária Nova Londrina Ltda* vem desenvolvendo o máximo esforço para a fiel execução de seu grande plano de dotar o lugar dos mais urgentes e importantes melhoramentos urbanos”.

Quanto à ordem, podemos perceber nas falas dos entrevistados, que, em alguns casos, havia capangas para garanti-la. Jair Rezende diz que tinham muitos capangas na cidade, o mesmo diz Ítalo Calligher, para depois completar que “aqui era o começo de tudo, não tinha município, não tinha promotor, não tinha juiz, não tinha nada, então quem podia mais chorava menos”. Apesar disso, João Fragoso afirma que a população do lugar era pacífica e ordeira até que:

Este estado de coisas desapareceu com o surgimento da política, alguém pertencia a um partido de lá, outro partido

¹³ TOMAZI, Nelson Dacio. *Construções e silêncios... op.cit.*, p. 77.



VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011
www.veredasdahistoria.com

Ano IV - Ed. 1 - 2011
ISSN 1982-4238

de cá, e não convidava, começou a haver a distensão. (...) mas com a política, houve uma divisão e essa divisão continua até hoje.

Enquanto distrito de Paranaíba, Nova Londrina não recebia grande atenção por parte da administração, talvez pelo motivo de que tal já tivesse os seus problemas a resolver na também nascente localidade. Nas memórias de João Fragoso, não havia obras públicas sentidas pela população e no máximo apareciam pela cidade alguns vereadores para conversar.

Logo no início, a própria *Imobiliária Nova Londrina* é quem empreitou a derrubada da mata e abertura das primeiras ruas e formação da planta da cidade, quadras e lotes. Ou seja, não há qualquer participação do Estado nesta fase. Tudo era feito pelos “pioneiros” e pela Imobiliária. Nas memórias de Ondina Giacobbo, “quando eu cheguei, as ruas principais já estavam abertas, (...) já tinham derrubado tudo e já tinham feito o traçado, igual está hoje”. No vídeo-propaganda, já citado, o texto deixa a impressão de que a Imobiliária tem a preocupação de planejar bem a cidade, citando inclusive a largura das ruas e avenida abertas.

A cidade cresceu às margens do Ribeirão do Tigre que deságua no Rio Parapanema. A estrada de acesso à nascente Nova Londrina tinha que passar por uma ponte sobre as então, limpas e recheadas de peixes, águas deste ribeirão. Interessante, aqui, abrimos uma discussão acerca da preocupação ambiental destes pioneiros.

Não podemos cair no anacronismo de querer que os homens migrantes da década de 1950 tivessem o mesmo senso ecológico que nós, no início do século XXI, pensamos ter. É comum nas falas dos entrevistados a utilização da palavra “mato” para se referirem à densa floresta existente, onde percebemos estar implícita a idéia de que era necessária a derrubada para desenvolver a civilização e o progresso da cidade. No entanto, alguns entrevistados parecem fazer uma espécie de *mea culpa* em suas falas, alegando que na época não havia a preocupação



ambiental que se tem nos dias de hoje. Assim, naqueles tempos derrubava-se a mata para a abertura das ruas da cidade e dos cafezais e pastos rurais, em seguida, colocava-se fogo para queimar os troncos e madeiras que não eram aproveitáveis ou lucrativas para as serrarias. Ainda assim, no vídeo-propaganda da Imobiliária, há destaque para a área de dois alqueires de mata atlântica, reservada para a criação de um bosque municipal. Em estudo sobre a cidade de Maringá, mas que também serve para o caso de Nova Londrina, “a colonização adquiriu (...) características profundamente destrutivas ao ecossistema ali existente”¹⁴.

Para continuar demonstrando a forte atuação, por parte da *Imobiliária Nova Londrina Ltda*, no processo de substituição das prerrogativas do Estado e consolidação, enquanto poder hegemônico, precisamos tratar ainda de três necessidade básicas: energia elétrica, água potável e educação. Ambos foram fornecidos nestes primeiros anos de implantação, exclusivamente, pela Imobiliária.

Os primeiros moradores, que acorreram para a iniciante Nova Londrina, e foram fixar-se na zona rural, viviam à base da luz de velas ou então de lâmpadas à gasolina ou querosene. Na zona urbana, não era muito diferente, com exceção, por exemplo, do Bar da Família Veit que possuía um gerador e, com isso, bebidas geladas. É evidente que essa falta de energia elétrica dificultava o pleno desenvolvimento econômico da área comandada pela Imobiliária, em especial, a instalação das serrarias.

Os donos da Imobiliária fundaram uma “Empresa Hidroelétrica Industrial S.A. com capital inicial de dois milhões de cruzeiros”, como nos informa o vídeo-propaganda. Na prática, isso significou que foi montada no Ribeirão do Tigre uma espécie de usina hidroelétrica, com uma “turbina hidráulica de trezentos HPs” para fornecer energia aos

¹⁴ DE PAULA, Zueleide Casagrande. **Verde que te quero ver-te**. In: DIAS, Reginaldo Benedito e GONÇALVES, José Henrique Rollo (org.). **Maringá e o Norte do Paraná – Estudos de história regional**. Maringá: Eduem, 1999, p. 410.



VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011
www.veredasdahistoria.com

Ano IV - Ed. 1 - 2011
ISSN 1982-4238

munícipes e às primeiras indústrias. Isso tudo já em meados do ano de 1951. No entanto, esta pequena usina fornecia energia apenas a uma parte da zona urbana e até as dez horas da noite.

Quanto à água potável, os moradores da zona rural que eram banhados pelo Ribeirão do Tigre abasteciam-se dele, quando não faziam um poço artesiano. Já na área urbana, a Imobiliária construiu um encanamento que ia do Ribeirão até a praça central da cidade e lá a água era despejada em uma enorme caixa d'água "de vinte e seis mil litros" para abastecer a população. Nas lembranças de Ondina Giacobbo: "a água vinha só duas ou três vezes por dia, então a hora que chegava a água era aquela fila. Uma vez eu contei noventa pessoas na fila com as suas latas e os seus baldes para pegar água" e no mesmo sentido se recorda Odete Colla: "Nós pegávamos água, ali no 'coreto' da cidade. Lá tinha uma caixa d'água que a gente fazia dez ou doze viagens por dia, de baldes, levava para o hotel, cada um levava para a sua casa".

Um caso emblemático para mostrar a força de atuação que a Imobiliária tinha no processo de constituição do município, é no que diz respeito ao início da educação formal e a chegada da primeira professora à localidade.

Ondina Cureu Giacobbo, então professora em Joaçaba-SC, veio para Nova Londrina no ano de 1952, para visitar uma irmã e recebeu o convite de um dos sócios da *Imobiliária Nova Londrina Ltda*, que já era seu conhecido dos tempos do Sul, para ficar na cidade e lecionar. Recorda-se a entrevistada que:

Logo que eu cheguei aqui eu já comecei a trabalhar. Eu fui nas casas fazer a matrícula, o levantamento dos alunos e eu dei aula, até foi a Imobiliária que me pagou, novembro e dezembro, depois então em janeiro, eram férias né, e em fevereiro então eu comecei dar aula de acordo mesmo. A gente recebia instruções em Paranavaí, a inspetoria funcionava lá.

Nestes primeiros meses, quem financiou a atividade educacional foi a própria Imobiliária, inclusive construindo o prédio onde funcionou



por algum tempo a escola. Enquanto isso, acorria para a cidade um número maior de migrantes e, junto com eles, os seus filhos assim como se recorda Ondina, “nosso espaço ali, de uma hora para a outra, ficou pequeno. Daí mandaram aumentar, fizeram um puxado nos fundos e (...) o negócio foi crescendo”.

Mas as condições de trabalho não eram lá muito boas. Recorda-se um dos alunos da época, Oscar Tomazoni que:

Eu deixei Ponta Grossa com doze anos no mês de agosto, fazendo o quarto ano primário. Quando cheguei em Nova Londrina tinha a professora (...) Ondina Cureau Giacobbo e ela dava o primeiro ano. Começou com o primeiro ano. Eu já tinha feito todo o quarto, aí ela dava o primeiro ano, no ano seguinte o primeiro e segundo, no outro segundo e terceiro e assim foi. Quando ela começou o quarto ano, eu tava trabalhando e a escola era só de dia, eu não podia deixar de estudar pra deixar faltando na roça, eu tava com quinze ou dezesseis anos. Aí o meu estudo parou, no quarto ano primário do mês de agosto.

Esta dificuldade se explica tendo em vista que, no começo, Ondina Giacobbo foi a única professora na cidade e por isso, tinha de atender a todas as turmas primárias e seus alunos ao mesmo tempo e, às vezes, até na mesma sala. Ao ser perguntada, se dava aulas para todas as turmas, assim respondeu:

Todas as turmas. No começo era 1º, 2º, 3º e 4º ano. Aquilo lá não é brincadeira não. Você atendia um e o outro ficava olhando [risos]. Depois então quando começaram a chegar outras professoras e criaram a outra sala, então, porque funcionava naquela época dois turnos e depois quando aumentou mesmo o número de alunos era três turnos. Das 7:00 às 11:00, das 11:00 às 14:00 e das 14:00 às 17:00.

Embora a Imobiliária cedesse o prédio e as carteiras, Ondina Giacobbo se recorda que o imóvel “não tinha janela, não tinha porta, só tinha o telhado”. Graças a um dia de chuva em que algumas crianças precisaram abrir o guarda-chuva dentro da sala de aula, é que alguns moradores locais se mobilizaram para concertar o prédio.



A localidade de Nova Londrina foi elevada à categoria de distrito de Paranavaí apenas em agosto de 1953, ou seja, até aqui o único poder constituído era mesmo da Imobiliária. Foi nomeado sub-prefeito a pessoa de Edmundo Grabowski que ocupou o cargo até a instalação do município e a posse do primeiro prefeito em 1956. Entretanto, este fato não pode ser encarado como sinônimo de atuação pública por parte do município de Paranavaí no distrito de Nova Londrina.

Esta não atuação por parte do poder público em Nova Londrina e de forma geral, na região noroeste como um todo, possibilitou o surgimento do sentimento patrimonialista por parte dos “pioneiros”. Neste sentido, o professor José Henrique nos instiga à reflexão:

A repetitiva afirmação de que o Estado se eximiu de participar na criação de diversos fatores de infra-estrutura nos processos de colonização escamoteia justamente o dado essencial: a tão alegada omissão do poder público pode ser, na realidade, sinal da mais absoluta privatização dos aparatos estatais. Sendo assim, a aparente ausência do Estado não seria sintoma de uma profunda cumplicidade entre setores burocráticos e elites dominantes? Pois bem: quem exerceu efetivamente o poder público no ‘Norte-Novo do Paraná’?¹⁵

Em outras palavras, este fato propiciou a formação de um sentimento em parte dos “pioneiros”, de que a região por eles “desbravada” lhes pertencia. A ausência inicial do Estado, promovedor das melhorias públicas, levou a Imobiliária e os primeiros moradores a tomarem para si esta incumbência. Nas palavras de Faoro, ao analisar a história do Brasil, “sem o quadro administrativo, a chefia dispersa assume caráter patriarcal, identificável no mando do fazendeiro, do senhor de engenho e nos coronéis”¹⁶. Nos primeiros anos a Imobiliária e os “pioneiros” atuavam como Estado. Assim, com a elevação de Nova Londrina à categoria de município, subjetiva ou objetivamente, esta

¹⁵ GONÇALVES, José Henrique Rollo. **Quando a imagem publicitária vira evidência factual: versões e reversões do norte (novo) do Paraná – 1930/1970**. In: DIAS, Reginaldo Benedito e GONÇALVES, José Henrique Rollo (org.). **Maringá e o Norte do Paraná – Estudos de história regional**. Maringá: Eduem, 1999, p. 111.

¹⁶ FAORO, Raymundo. **Os Donos do Poder...** op.cit. p. 736.



“elite pioneira” precisava garantir que o poder administrativo continuasse em suas mãos, afinal, tinham o sentimento de legítimos donos da nova localidade.

A fundação do município de Nova Londrina e suas três primeiras administrações:

Ao observarmos as três primeiras administrações municipais de Nova Londrina, podemos perceber, em ambas, fortes relações de classe, no caso, uma classe empresarial ligada ao ramo das serrarias, aos proprietários rurais e também à Imobiliária. Já nos referimos em outro texto que na região extremo noroeste:

Quando começaram-se a emancipar os municípios, os primeiros prefeitos, se não eram justamente os empresários do ramo imobiliário, eram pessoas próximas. A idéia patrimonialista dos novos municípios confunde-se com as suas constituições. Por estas terras, o público e o privado se confundem desde o princípio e a política municipal é a principal expressão deste sentimento.¹⁷

Segundo Raymundo Faoro, o patrimonialismo pessoal se converte posteriormente em um patrimonialismo estatal:

Num estágio inicial, o domínio patrimonial, desta forma constituído pelo estamento, apropria as oportunidades econômicas de desfrute dos bens, das concessões, dos cargos, numa confusão entre o setor público e o privado.¹⁸

Vamos esmiuçar um pouco cada uma destas administrações, para poder perceber as origens sociais, os possíveis interesses econômicos e as ligações políticas em jogo, que propiciaram a “confusão” entre o público e o privado.

www.veredasdahistoria.com

¹⁷ GUILHERME, Cássio Augusto S. A.. Nova Londrina-PR: O processo de (re)ocupação (1950) e a “politicagem interiorana” nos “anos de chumbo” da Ditadura Civil-Militar (1968-1969). *op.cit.* p.21

¹⁸ FAORO, Raymundo. Os Donos do Poder... *op.cit.* p. 736.



VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011
www.veredasdahistoria.com

Ano IV - Ed. 1 - 2011
ISSN 1982-4238

O primeiro prefeito eleito na cidade foi o senhor Avelino Antonio Colla. Originário de Nova Prata, no estado do Rio Grande do Sul, havia migrado para a, também nascente, cidade de Cianorte. No entanto, quando fez pouso em Londrina e conheceu os donos da *Imobiliária Nova Londrina-Ltda* o convenceram a mudar seu destino e ir para a região que estavam formando. Em outras palavras, a chegada de Avelino à cidade se deu por atuação direta dos donos da Imobiliária. Ao chegar à região, Avelino Colla comprou um pedaço de terras da Imobiliária e montou uma serraria.

Logo nos seus primeiros tempos na localidade, Avelino Colla se tornou grande amigo dos donos da Imobiliária, a ponto de ir a outras cidades em busca de novos moradores para Nova Londrina. Recordar-se Ítalo Calligher que:

Estou aqui por intermédio do ex-prefeito, já falecido, Avelino Antonio Colla. (...) Ele disse pra mim: "Eu tenho serraria, posso te arrumar a prestação uma madeirinha aí pra você fazer uma casinha e sou amigo da Imobiliária, (que tinha uma Imobiliária), te arrumo um terreno e você vem por lá, tenho certeza que você vai se dar bem lá em Nova Londrina". Me convenceu.

Nas eleições municipais de 1955, concorreram o comerciante Antonio Bogoni, pelo Partido Republicano (PR), obtendo um total de 539 votos e Avelino Colla, pelo Partido Social Democrático (PSD), vencendo a disputa com o total de 578 votos. Some-se a isso, 42 votos em branco e mais 7 nulos. Segundo a memória de Ondina Giacobbo, esta primeira eleição municipal foi um tanto quanto tumultuada:

Mas o senhor Avelino trabalhou direitinho, honestamente. Eu sei porque a gente trabalhava ali com os eleitores, ajudar os analfabetos a fazer o requerimento (...) Depois, no dia da eleição, deu aquela encrenca, porque naquela época só votava as pessoas que o nome constava na lista, então fixava aquela lista na porta, se o seu nome estava lá, você votava, senão não. Aí os eleitores do senhor Avelino, que eram lá da serraria, os nomes deles não constavam na lista. Aí eles



VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011
www.veredasdahistoria.com

Ano IV - Ed. 1 - 2011
ISSN 1982-4238

começaram a reclamar, o senhor Avelino recolheu os títulos (...) aí quando foi a tarde mandaram chamar o juiz em Paranavaí (...). Ele veio aqui, mas não resolveram nada não. Aqueles eleitores ficaram sem votar. (...) a vitória para o senhor Avelino. Nossa, foi uma festa que naquela época dava uma churrascada, dia da eleição também faziam churrasco.

Passados os problemas eleitorais e a festa, era hora de começar a organizar em Nova Londrina o poder público Executivo. Segundo a sua viúva, Odete Collar, a administração do senhor Avelino “foi mais acentuado na parte da educação. Ele achava que tudo tinha que vim daí”. Ela se recorda que o prefeito tinha que ir para Curitiba, ficar na rua XV à procura de professores recém formados para levar até a cidade: “então veio muitos professores, porque tinha Ginásio, na época tinha a Escola Normal Regional, que formava professores, então ele ia para Curitiba e trazia esse povo solteiro e punha na casa de pessoas para morar e iam dar aula”. Além disso, segundo estas mesmas memórias, durante a primeira administração foram construídas várias escolas rurais.

Como a Usina Hidroelétrica instalada pela Imobiliária às margens do Ribeirão do Tigre já não comportava o crescimento urbano de Nova Londrina, a prefeitura municipal instalou também, naquele ribeirão, uma Usina Termoelétrica. Com capacidade de 200 KWA ficava em funcionamento durante todo o dia e até por volta das dez horas da noite. A lenha era colocada por um funcionário da prefeitura. Esta Usina recebeu por parte da população o apelido de “Janjão”, mas infelizmente os entrevistados não souberam informar a origem deste nome.

Como é de praxe na política estadual, todo prefeito de uma pequena cidade do interior deve ter um bom contato na capital. No caso de Nova Londrina, esta prática “politiqueira” pode ser encontrada deste a primeira administração municipal. Segundo Ondina Giacobbo: “o senhor Avelino trazia muita coisa de Curitiba, ele tinha muita amizade com uma

www.veredasdahistoria.com



professora que trabalhava na secretaria da educação, dona Isolde¹⁹, daí ele ia lá e conseguia”.

O mais interessante é a relação do prefeito Avelino com o, então governador do Estado do Paraná, Moisés Lupion (1956-1961). Recordar-se Odete Colla que:

O Avelino teve muita sorte, porque entrou o governador, sabe quando o prefeito tem o governador, é mais fácil. Entrou na época o senhor Moisés Lupion, que era amigo do meu marido, então era mais fácil para chegar até lá (...). A gente freqüentava a casa dele lá, e ajudou muito Nova Londrina.

A relação com Moisés Lupion era também da parte dos donos da Imobiliária Nova Londrina Ltda. Recordar-se João Fragoso, ao ser perguntado sobre o tema:

Não sei se existia essa ligação. Eu acho que sim, por causa que o advogado da Imobiliária Nova Londrina, chegou a ser procurador do Estado e foi deputado estadual também, Dr. Edgar Távora. Então através desse deputado, pode ser que sim.

Na campanha de Távora à Assembléia Legislativa do Paraná, seu cabo-eleitoral, na cidade de Nova Londrina, foi um dos sócios da Imobiliária, senhor Armando Chiamulera. Interessante notar a sabida preocupação por parte destes empresários em cercarem-se de pessoas influentes tanto na política, como no judiciário e também na economia, afinal, estas terras recém loteadas poderiam ser e foram objeto de ação judicial, sendo os donos das colonizadoras acusados de grilagem de terras.

Nas eleições municipais de 1959, concorreu pelo PDS, como candidato único, apoiado também pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), PR e pela União Democrática Nacional (UDN), a pessoa de João Soares Fragoso. Foram 1.857 votos a favor do candidato, mas também

¹⁹ Isolde Julieta Andreatta.



tivemos a expressiva soma de 448 votos em branco e mais 8 nulos. João Fragoso administrou Nova Londrina entre os anos 1960-1964.

Morador da cidade de Curiúva, no sul do Paraná, e funcionário de uma carbonífera local, João Fragoso migra para Nova Londrina a convite de seus patrões, para trabalhar na *Companhia Imobiliária Agrícola São Paulo-Paraná*, uma das várias Imobiliárias que atuavam na região, mas que também possuía em sua sede, uma serraria. Senhor João Fragoso era quem fazia toda a contabilidade desta Companhia no estado do Paraná. Posteriormente, chegou a trabalhar por alguns anos na *Imobiliária Nova Londrina Ltda.*

Em seu mandato, João Fragoso também precisa ter as ligações certas com o governo estadual, uma vez que “ia pedir alguma coisa para Nova Londrina, então era muito difícil o atendimento, porque o privilégio era das cidades maiores, cidades já assentadas, e esse norte novíssimo, que surgiu aí na década de 1950, era sempre deixado para depois”. Em sua entrevista, dada para esta pesquisa, podemos pinçar dois fatos ligados, diretamente, às influências pessoais: a construção de mais escolas rurais e a agência dos Correios.

Diz João Fragoso que:

Eu fui bem quisto do general Alípio²⁰, que era o Secretário de Viação e Obras Públicas do Paraná, e eu vivia na casa dele (...) daí comecei a agradar o general Alípio. Ele foi com a minha cara. General, o que o senhor pode me dar para Nova Londrina? Nova Londrina não tem nada. Então é fácil. Ele me deu 14 escolas rurais, tudo feito de madeira

Este general Alípio ainda teria interferido na criação do Ginásio escolar para a cidade de Nova Londrina.

Segundo, ainda, o entrevistado, em todas as viagens que fez à Curitiba, enquanto prefeito, sempre “visitava o coronel Agostinho²¹, era diretor dos Correios e Telégrafos no Paraná” em busca de uma agência

²⁰ Alípio Ayres de Carvalho, secretário de Viação e Obras entre os anos (1961-1965) durante o governo de Ney Braga.

²¹ Agostinho de Macedo.



VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011
www.veredasdahistoria.com

Ano IV - Ed. 1 - 2011
ISSN 1982-4238

para a cidade de Nova Londrina. Após muito tentar, o coronel concordou com a instalação da agência, mas desde que a cidade arcasse com todos os custos.

Chamou-nos atenção, nas falas de João Fragoso, uma passagem em tom de denúncia sobre a sua tentativa de conseguir água encanada para a cidade de Nova Londrina. Devido à complexidade e a polêmica que a fala pode gerar, vamos reproduzi-la na íntegra:

Das tantas vezes que fui à Curitiba, eu fui distrito do DNOS [Departamento Nacional de Obras e Saneamento], a gente consultava um colega para saber onde você conseguiu isso, como é que eu faço para conseguir, então, até que eu fui parar no distrito do DNOS. Lá conheci o Dr. Couto, que era o diretor desse distrito do DNOS no Paraná. E eu disse pra ele que Nova Londrina não tinha nada, o que ele podia me ajudar a fazer, a população aí carente de tudo. Ele disse, eu tenho um programa aí, talvez interesse para você. Você tem água encanada? Eu disse, não tenho. Eu tenho um material aí, em torno de vinte milhões, dinheiro da época, e eu coloco em Nova Londrina para você, mais você precisa ter projeto. Eu digo, e onde é que eu faço esse projeto? Com o intuito de pedir para ele. Ele disse, se você tiver interesse, eu vou com você no banco tal e você consegue o dinheiro. Um projeto hoje custa quatro milhões e quinhentos. Para você ter idéia, era um quinto do valor. Mas eu avalizo para você e tal. Eu disse, mas eu comecei a perguntar detalhes e ele começou a me descartar. E eu fiquei em cima. Eu tinha um amigo lá chamado Monir Saab, foi quem fez o primeiro projeto de galeria de águas pluviais para Nova Londrina. O Monir sempre me acompanhava e dizia: “_ olha, você toma cuidado com esse pessoal aí, esse pessoal...”. Ele sempre me acompanhava. Daí nós teríamos uma reunião com outros prefeitos e esse diretor do DNOS para esclarecer as coisas, abrir o livro e mostrar pra gente o que fazer e tal. E nós comparecemos a essa reunião. Eu levei o Monir. Ele falou, falou, falou, mas aquele tipo de reunião que você não entende nada e eu não entendia nada. Terminada a reunião, eu chamei o Monir e disse assim: “_ o que é que você entendeu?” Nada, mas nós vamos fazer o seguinte, nós vamos na casa do vice-diretor hoje a noite, eu conheço ele. Ele estava na reunião do DNOS. E a noite nós fomos para lá. Chegamos lá ele disse, olha é o seguinte, se você tiver interesse ele vai por esse material para você lá em Nova Londrina, mas durante o tempo que tiver sendo instalado, você tem que dar trezentos mil por mês para ele a título de assistência técnica. Se você fizer isso, ele te põe o material lá. Eu vim para Nova Londrina consultar a câmara.



VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011
www.veredasdahistoria.com

Ano IV - Ed. 1 - 2011
ISSN 1982-4238

Não vou fazer um negócio desse tamanho. As reuniões da câmara aqui eram na segunda-feira. Eu compareci na reunião, sentei, como sempre eu faço o relato da minha viagem, mas assim, verbalmente. Fazia uma viagem e voltava, ia na câmara e dizia o que eu tava fazendo e queria ajuda da câmara também. A sessão da câmara terminou e ninguém falou nada, ninguém disse nada, eu levantei, peguei meus papeizinhos e tava saindo, o Dr. Olivier [vereador à época] disse, “_ vem cá. Nós não podemos colocar na ata que você esteve aqui, que você pediu. Nós vamos te dar um protocolo pra você chegar lá e fechar o negócio. Dá trezentão por mês pro homem e nós vamos ter vinte milhões de material, aí nós vamos começar a fazer a instalação de água potável em Nova Londrina”. Ah, peguei o ônibus no dia seguinte e fui parar em Curitiba. Cheguei eu fui direto no DNOS e disse, “_ doutor, eu to de acordo com o que falou o vice-diretor pra mim esses dias de dar trezentos mil por mês, mas o senhor tem que por o material em Nova Londrina, conforme a sua promessa” e tal. Foi bem assim: “_ pra você nem um metro de cano. Você abriu o bico pra tua câmara”. Bem assim ele falou. Aquilo foi um jato d’água, eu fiquei, sabe, o que é que eu vou dizer em Nova Londrina! Vinte milhões! E ele virou-se assim pra mim e disse: “_ o prefeito de Cianorte levou esse material”. E Cianorte já era importante na época.

Esta passagem ilustra bem a dificuldade que os nascentes municípios da região encontravam em conseguir recursos públicos para suas obras de infra-estrutura. A política da década de 1960 não difere muito da observada nos tempos atuais, onde os pequenos municípios ficam à mercê de “favores” do Estado. Além do mais, este episódio vem a corroborar o argumento de que foi a *Imobiliária Nova Londrina* quem fez durante vários anos, às vezes de ente público na localidade. Como dissemos, estas dificuldades acentuam a formação do sentimento patrimonialista.

À eleição municipal de 1963, concorreram dois candidatos ao cargo Executivo. O médico Olivier Grendene pelo Partido Democrata Cristão (PDC) venceu o pleito com um total de 2.604 votos. O comerciante Halim Maaraoui, concorrendo pelo Partido Trabalhista Nacional (PTN), obteve 2.088 votos. Some-se a isso, 121 votos brancos e 51 nulos. Interessante que, esta foi a última eleição onde não era necessário o cargo de vice-prefeito. No entanto, em março de 1964 a



VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011
www.veredasdahistoria.com

Ano IV - Ed. 1 - 2011
ISSN 1982-4238

Câmara Municipal de Nova Londrina, atendendo a uma determinação da Assembléia Legislativa do Paraná, votou entre seus pares para escolher um vice-prefeito para a cidade. O vencedor foi o vereador Darcy Molim. Esta eleição é crucial para entendermos melhor acerca da cassação de Halim Maaraoui, ocorrida após a sua vitória nas eleições de 1968, derrotando o candidato da situação, Darcy Molim, então vice-prefeito municipal.

Olivier Grendene é originário de Farroupilha, no Rio Grande do Sul. Após cursar Filosofia e Medicina na capital gaúcha, migrou para a cidade de Nova Londrina. Politicamente, este é o personagem mais importante dos primeiros anos na cidade. Segundo Oscar Tomazoni:

A vida política e administrativa da cidade girou em torno do Dr. Oliver por muitos anos. Ele era uma espécie de mentor, assim, da cidade. Ninguém fazia nada sem falar com ele. Claro que aquele que pertenciam a uma linha política diferente da dele e que levava a política a ferro e fogo, pode ser que ele atrapalhou a cidade, porque ele mandava sozinho. Eu fui companheiro e adversário político dele.

Tomazoni foi vice-prefeito de Halim Maraouiu, mas nem por isso deixa de reconhecer que este político fez muitos benefícios à cidade. Para Jair Rezende, “o Olivier foi o pai da cidade, aquele ali foi o pai de Nova Londrina”. Assim percebemos a influência que este político conseguiu ter junto a uma parcela da população, bem como o respeito perante os adversários.

Foi durante a administração de Olivier Grendene que a cidade passou a ter energia elétrica fornecida pelo governo do Estado do Paraná através de sua companhia. Também o asfalto para as ruas centrais da cidade foi feito em sua administração. Para Ondina Giacobbo, “Nova Londrina teve um período de crescimento. Eu sei que ele foi um bom prefeito”. Outro fato importante que teve a fundamental participação de Olivier Grendene foi a fundação da Cooperativa Agrária local.



Por fim, é importante deixar claro que, ao mesmo tempo em que existia, na cidade, o poder público municipal para administrar a localidade, garantir a ordem, etc, a *Imobiliária Nova Londrina Ltda* continuava vendendo terras urbanas e rurais. Ou seja, coexistiam, ainda, dois poderes, um público e outro privado, que muitas vezes confundiam-se em seus interesses e objetivos.

Considerações Finais:

Nos primeiros anos de “colonização”, quem efetivamente exerceu o poder público na cidade foi a *Imobiliária Nova Londrina Ltda* e seus sócios, como argumentamos acerca do fornecimento inicial de água, energia e educação. Esta privatização das prerrogativas do Estado levou à formação de um sentimento patrimonialista em parte desta elite agrária, sulista e “pioneira”.

Uma vez que estes “pioneiros” eram os legítimos desbravadores da região, sofreram muitas agruras até a constituição de uma localidade com melhores condições de vida; é compreensível que o sentimento de que a cidade lhes pertence seja muito forte em seus subconscientes.

Mais uma vez, o clássico livro de Raymundo Faoro pode contribuir no entendimento deste sentimento patrimonialista ao dizer que:

*A comunidade política conduz, comanda, supervisiona os negócios, como negócios privados seus, na origem, como negócios públicos depois, em linhas que se demarcam gradualmente. (...) Dessa realidade se projeta, em florescimento natural, a forma de poder, institucionalizada num tipo de domínio: o patrimonialismo, cuja legitimidade assenta no tradicionalismo – assim é porque sempre foi.*²²

Assim, após a constituição do poder público formal na cidade, ou seja, a elevação à categoria de município e as conseqüentes eleições para

²² FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder...* op.cit. p. 733



VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011
www.veredasdahistoria.com

Ano IV - Ed. 1 - 2011
ISSN 1982-4238

cargos públicos, este se torna importante local de consolidação hegemônica. É preciso manter o poder político nas mãos de pessoas pertencentes à mesma classe e fiéis a estes ideais de “pioneirismo”. Com isso, a eleição de Halim Maaraoui sem o aval da classe hegemônica, desencadeou uma forte mobilização política contra a sua manutenção no cargo, o que foi concretizado.

Recebido em: 06/12/2010

Aprovado em: 02/10/2011



www.veredasdahistoria.com